

PAZ NA CRIAÇÃO DE DEUS – ESPERANÇA E COMPROMISSO¹

Haroldo Reimer²

Resumo: O texto apresenta questões teológicas e hermenêuticas relativas à inserção do ser humano no conjunto do ambiente, natureza ou criação. Destaca que, no paradigma da Modernidade, houve desenvolvimentos teóricos distintos nos campos da teologia e nas ciências no que tange à concepção do mundo natural. Ressalta a necessidade de diálogo entre essas cosmovisões distintas com o objetivo de dar respostas a problemas comuns da humanidade. Apresenta perspectivas bíblicas acerca do tema, colocando em evidência especialmente as tradições de cuidado com o ambiente na Bíblia.

Palavras-chave: Criação. Esperança. Ecologia humana. Hermenêutica bíblica.

Peace in the God's Creation – hope and commitment

Abstract³: The present text presents theological and hermeneutical issues relating to the insertion of the human being in the whole environment, nature or creation. It highlights that, in the paradigm of modernity, there were distinct theoretical developments in the fields of theology and science in regard to the concept of the natural world. It emphasizes the need for dialogue between these different worldviews in order to provide answers to common problems of mankind. It presents biblical perspectives on the subject, highlighting especially the traditions of care for the environment in the Bible.

Keywords: Creation. Hope. Human ecology. Biblical hermeneutics.

Alguns termos do tema proposto para a palestra bem como para o tema da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) para o ano de 2011 remetem ao horizonte das utopias. Isso se dá especialmente com os termos “paz” e “esperança” e com o próprio nome “Deus”. Esses termos carregam em si dimensões utópicas. No contexto latino-americano, o escritor Eduardo Galeano marcou a palavra “utopia” dizendo:

¹ Texto levemente modificado da palestra proferida no XXVII Concílio da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em Foz do Iguaçu, PR, no dia 21 de outubro de 2010 e da aula inaugural do curso de Teologia da Faculdades EST, no dia 28 de fevereiro de 2011, em São Leopoldo/RS. O artigo foi recebido em 26 de março de 2011 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 02 de abril de 2011.

² Doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel, Alemanha; professor na PUC Goiás e na Universidade Estadual de Goiás; bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (MCT/CNPq); pastor voluntário na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Goiânia. Produção vinculada ao projeto “Bíblia e ecologia” (CNPq). E-mail: haroldo.reimer@gmail.com; homepage: www.haroldoreimer.pro.br

³ Agradeço a Claude Detienne a gentileza da tradução do resumo para o inglês.

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar⁴.

Desde os tempos antigos, as esperanças projetadas em diversas formas animam pessoas em sua caminhada; orientam com suas coordenadas de sentido outorgando sentido à caminhada. Para pessoas cristãs, especialmente as esperanças amalgamadas em textos das Sagradas Escrituras indicando o horizonte do reino de Deus são animadoras da caminhada; norteiam o caminho e fazem (podem fazer) sair da letargia, do comodismo, buscando compromissos, sempre na esperança do Reino vindouro, seja messiânico seja apocalíptico. Esse Reino, porém, não se realiza plenamente por meio de ações humanas, mas se consuma somente como dádiva do Deus criador e salvador. O reino de Deus como esperança por paz duradoura permanece utopia, continua sendo esperança; nesse sentido, inspira para o movimento.

Contudo, a fé que brota da Palavra busca dar respostas na caminhada e na existência histórica da pessoa que crê. Assim, os termos-chave “criação” e “compromisso” remetem ao contexto de outro conceito muito utilizado em discussões recentes no contexto latino-americano, especialmente nas edições do Fórum Social Mundial. Trata-se do termo “heterotopias”. Diferente do que na palavra utopia, na qual o prefixo de origem grega “u” nega a historicidade do lugar e a possibilidade de sua realização histórica, no termo heterotopia o prefixo grego “*héteros*” indica para “outro”, remetendo, pois, a outro lugar além do lugar no qual a esperança é enunciada. Parece ser típico das projeções de esperança que o lugar em que as pessoas enunciam suas esperanças é, em geral, um lugar de sofrimento, de crises, de angústias e de expectativas por outra realidade melhor. A esperança impele, assim, para a busca por concretizar situações em que o compromisso das pessoas que creem e das pessoas de boa vontade é fundamental para colocar sinais da esperança que move a caminhada, para assumir compromissos rumo à outra realidade melhor, sempre na expectativa de que Deus venha a completar as obras das nossas mãos.

No tema proposto, o foco da esperança e do compromisso é a “Paz na criação de Deus”. A direção do olhar é para a questão ecológica. Outras dimensões são igualmente importantes e poderiam ser exploradas, tais como a busca por paz em situações de conflitos bélicos ou a busca por paz em situações existenciais conflituosas no cotidiano. As dimensões não se excluem, mas aqui o recorte é a questão ambiental.

Na linguagem bíblica, tanto a criação como espaço de vida e cultura quanto o lugar dos humanos nesse espaço da criação é articulado em termos de fé. Gênesis 1.1, o primeiro versículo da Bíblia, afirma: “No princípio criou Deus os céus e a terra”. É a *creatio* prima, a “criação primeira” de Deus, nas origens. Nesse espaço

⁴ GALEANO, Eduardo; BORGES, José. **Las palabras andantes**. Montevideo: Siglo XXI, 1994. p. 310.

criado em meio ao caos existente das “águas do abismo” (Gn 1.2), criação é uma realidade que o próprio Deus estabelece e precisa constantemente manter sob controle e cuidado. O testemunho de fé bíblico situa o ser humano nesse espaço que não é um jardim paradisíaco, mas é uma “roça de cultivo”. Aí o ser humano criado por Deus recebe atribuições específicas. Destaque merece a afirmação de que os seres humanos são imagem e semelhança do Criador (Gn 1.26-28), recebendo dele tarefas que oscilam entre o domínio e o cuidado (Gn 1.28; 2.15). Com a ação do humano e a presença continuada de Deus na sua criação podemos falar de “criação continuada”, a ser mantida por Deus e pelos humanos contra as forças do caos.

O credo criacionista perpassa toda a Bíblia.⁵ Eco especial desse credo se encontra no Salmo 104, quando lá se enfatiza que o Espírito de Deus vivifica toda a criação. O autor do Salmo expressa seu louvor dizendo: “Que variedade, Senhor, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste [...] Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104.24, 30).

A confissão de fé do povo de Israel, condensada num credo monoteísta típico daquela expressão religiosa, passa por releitura e ampliação de sentido no seio do cristianismo das origens. O Deus criador monoteísta dos hebreus, além de sua presença no mundo na forma da *ruah*, é reconhecido na vida, cruz e ressurreição de Jesus de Nazaré. Na Carta aos Colossenses, lê-se: “Ele [Cristo] é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois nele foram criadas todas as cousas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis [...] Tudo foi criado por meio dele e para ele” (1.15-16). Com isso, o Deus criador é simultaneamente o redentor e o sustentador, três formas de ação do mesmo Deus.

A tradição da igreja dos primeiros séculos amalgamou essa diversidade na unidade das palavras do Credo Apostólico. Por isso: “Creio em Deus Pai, todo poderoso, criador dos céus e da terra”. Essas formulações sabidamente receberam as significativas explicações de Martim Lutero, que até hoje ecoam em nós.

Falar da “criação de Deus” remete, portanto, a um ponto nevrálgico da teologia cristã. Na perspectiva da fé, entende-se, reconhece-se e crê-se o mundo existente como obra criadora de Deus. “Criação” remete à experiência da dádiva e da gratuidade divinas. Dizer “criação” pressupõe a consciência da relação primordial entre Criador e criatura. A própria existência é vista como dádiva. E sendo Cristo o primogênito da criação, a própria criação é substancialmente dignificada por meio da encarnação de Deus em Cristo. A criação, o conjunto do mundo criado, portanto, é entendida como mistério e transparência para Deus.⁶ Especialmente por meio do Cristo encarnado, mas também pela ação do Espírito, Deus está presente na criação à espera do reconhecimento por parte dos filhos e filhas, suas criaturas,

⁵ Ver a respeito SIMKINS, Ronald A. **Criador e criação**. A natureza na mundividência do antigo Israel. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁶ TAVARES, Sinivaldo S. **Teologia da criação**. Outro olhar – novas relações. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 57-70. [A criação como mistério].

como bem o expressa o apóstolo Paulo no capítulo 8 de sua Carta aos Romanos, na qual escreveu: “Toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22).

Dizer também que Cristo é o Alfa e o Ômega significa afirmar que toda a criação e, portanto, toda a história [humana e natural] é vista em perspectiva teleológica, isto é, ela se encaminha para uma destinação última, que, em fé, entendemos como o tornar-se pleno do reino de Deus, consumidor e redentor.⁷

Convém salientar que falar de “criação” é falar em linguagem da fé, discurso teológico, fala confessional. Em um mundo “emancipado” de Deus, como já o propunha o teólogo luterano Dietrich Bonhoeffer, e tantos outros teólogos depois dele, a exemplo de Jürgen Moltmann⁸ ou Hans Küng⁹, que trabalham sob influência do paradigma da secularização, falar de “criação” significa assumir o risco do conflito. Significa assumir uma posição de resistência em face do chamado “mundo moderno”, no qual Deus perdeu o seu lugar como referência e como presença. Essa resistência, porém, não deveria se expressar em mero conservadorismo como acontece em algumas posições teológicas do chamado “fundamentalismo”, mas deveria buscar estabelecer pontes, exercitar diálogos entre dois campos distintos, a fé e a razão.

A simples contraposição conflitual na arena política entre religião e ciência não é de fato satisfatória para quem busca dar respostas à “razão da esperança que há em vós”, como se lê na Primeira Carta de Pedro (3.15). Uma estória pode ilustrar o desencontro das perspectivas entre fé e ciência quando não se busca dar efetivamente resposta a questões de fundo:

Um astrônomo convidou um pastor, amigo seu, para jantar em sua casa. Antes do jantar, o astrônomo levou o pastor para o pequeno observatório que ele havia montado na parte superior de sua casa. Pelo telescópio observaram toda a variedade das constelações celestes. Após algum tempo, o pastor fez a pergunta: “Quem criou tudo isso?”. Sem hesitar, o astrônomo respondeu: “Isso surgiu por acaso...”.

Algum tempo depois, o pastor convidou o cientista para jantar em sua casa. Antes da refeição, o pastor levou o astrônomo para uma conversa em seu escritório. Surpreso, o cientista observou que ali havia um móvel que reproduzia com fidelidade, em proporções menores, o sistema solar. Admirando o objeto, o cientista perguntou: “Quem fez isso?”. Sem hesitar, o pastor respondeu: “Isso foi criado por acaso...”.

⁷ Nessa concepção são muito impactantes as contribuições de Pierre Teilhard de Chardin. Cf. CHARDIN, P. T. **Hino do universo**; A missão sobre o mundo; Cristo na matéria; Três histórias no estilo de Benson; A potência espiritual da matéria. São Paulo: Paulus, 1994.

⁸ MOLTSMANN, Jürgen. **Deus na criação**. Doutrina ecológica de Deus. Tradução Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 1996; _____. **Ciência e sabedoria**. Um diálogo entre ciência natural e teologia. São Paulo: Loyola, 2007.

⁹ KÜNG, Hans. **O princípio de todas as coisas**. Ciências naturais e religião. Petrópolis: Vozes, 2007.

Fé e ciência formulam, cada qual a seu modo, as “certezas” de seu convencimento sobre um problema concreto.¹⁰ A questão da origem do cosmo e da vida está entre os temas comuns a ambos. Também o problema de como entender o mundo que habitamos e que, nos últimos tempos, vem sendo atingido por número crescente de calamidades e catástrofes naturais, ocupa tanto a teólogos quanto a cientistas.

No tempo cronológico conhecido como Modernidade, duas visões diferentes de mundo estão constantemente presentes: a “visão de fé” e a “visão científica”. Os dois são como verso e reverso da Modernidade. Na esteira de pensadores como Descartes, Spinoza e tantos outros nos diversos campos da ciência, o “mundo real”, o cosmo, o universo passa a ser visto gradativamente de forma desnudada da linguagem da fé. Alguns autores ou pesquisadores do campo científico, embora em reação ao paradigma criacionista, ainda mantêm certa vinculação com um “princípio inteligente” ou com a ideia de um “relojeiro do universo”, ou mesmo com a metáfora da “mente de Deus”, como no caso de Stephen Hawking.¹¹ Na visão e na linguagem científica contemporânea predomina a ideia de que a natureza ou a criação é uma grande “teia da vida”, totalmente perpassada pelo princípio da complexidade, sem uma causa inteligente na sua origem, sem leis universais, caos, e sem um fim teleológico (pré-)determinado.¹²

Nessa teia da complexidade não se pode operar somente pela lógica do reducionismo, por mais importante que seja esse procedimento da ciência experimental. Os sistemas complexos, tais como o clima e o cérebro humano, não podem ser compreendidos somente a partir de suas partes. As partes podem engendrar reações e combinações novas, que fogem às projeções das supostas leis naturais ou matemáticas da criação.¹³ Por isso impõe-se uma visão de conjunto, impõe-se buscar sentir e perceber como funciona o sistema.

O desafio está marcado pela necessidade de pessoas crentes que vivem em um mundo “moderno” buscarem pontes de diálogo entre linguagens diferentes: a linguagem da fé e a linguagem da ciência.¹⁴

No que se segue, procurarei esboçar duas visões diferentes do problema da paz na criação de Deus. Não usarei o modelo da dialética – tese, antítese, síntese, porque da conjugação dos dois campos de saber (teologia e ciência) ainda não há uma síntese acabada. Começarei com algumas pinceladas da questão a partir de alguns pontos de vista das ciências. Depois indicarei algumas perspectivas bíblico-teológicas, já formuladas com indicativas de passos possíveis, alimentado com a esperança de que, na confluência dos saberes, ciência e fé, juntos, podem, pela

¹⁰ Ver a respeito, KÜNG, 2007.

¹¹ HAWKING, Stephen; MLODINOW, Leonard. **The grand Design**. Nova York: Bantam, 2010.

¹² GLEISER, Marcelo. **Criação imperfeita**. Cosmo, vida e código da natureza. Rio de Janeiro: Record, 2009.

¹³ GLEISER, 2009.

¹⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. **Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?** São Leopoldo: Sinodal, 2006.

inter-relacionalidade, levantar questionamentos, oferecer respostas, propor passos, contribuindo para a emergência e sedimentação de um novo paradigma, o chamado paradigma ambiental.

A visão a partir das ciências

Com Darwin e os cientistas na esteira dele, o mundo ficou mais velho do que supõe o cálculo das gerações da Bíblia que resulta na “idade diluviana”, que prevaleceu até o século XVIII. Hoje, já nos habituamos a falar de milhões ou até de bilhões de anos da história natural do planeta Terra. Nessa história, o ser humano é uma aparição recente. Os humanos apareceram tardiamente como um fenômeno nos últimos minutos antes da meia-noite. Com relação à história do gênero humano, somos, pois, remetidos a uma trajetória evolutiva e de desenvolvimento de longa duração. Cronologicamente, a ciência localiza o antecessor mais nobre dos humanos, o *homo sapiens*, entre 150 a 120 mil anos atrás, em solo africano.

Em analogia às navegações do século XVI que, depois de muito tempo de afastamento e isolamento, colocaram novamente em contato os povos euroasiáticos com os autóctones “americanos”, há historiadores que utilizam a expressão “colombo negro” em relação àqueles ancestrais que saíram do solo africano e gradativamente foram povoando cada vez mais espaços na Terra. Esse “colombo negro”, impulsionado por curiosidade ou pela necessidade de adaptação e busca de novas fontes de alimentação e de sobrevivência, foi se espalhando pelos diversos recantos do mundo habitado. Por vezes, uma estação de parada pode ter levado centenas ou até milhares de anos. Por isso certos espaços só muito recentemente, isto é, 2000 ou 1500 anos atrás, receberam, pela primeira vez, a impressão de uma pegada humana em seu solo. Algumas ilhas do Pacífico figuram entre tais espaços de povoamento humano recente.¹⁵

Em outros tempos, eras glaciais permitiram contatos possíveis, como, por exemplo, pelo estreito de Behring. O fim da última era glacial há 10 mil anos, com elevação do nível dos oceanos, moldou basicamente os contornos do globo terrestre nos termos geográficos atuais, gerando separações e fomentando desenvolvimentos diferenciados nos diferentes lugares. A “revolução verde” da agricultura nas antigas civilizações dos vales possibilitou a sedentarização e a criação das cidades e das culturas urbanas nos grandes vales fluviais, como na Mesopotâmia, no Egito, na China e no continente indiano. Nessas culturas, o ser humano já se revelou em sua capacidade de *homo faber*, isto é, um ser humano que intervém na natureza, transformando-a em espaço cultural, promovendo também sucessivas “sedimentações culturais”. Em alguns desses lugares, revelou-se também a necessária dimensão cuidadora dos humanos para com o seu ambiente natural. Exemplo disso são algumas

¹⁵ Sobre o assunto, ver BLAYNEY, Geoffrey. **Uma breve história do mundo**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

normas no Código de Hamurábi, de 1800 a.C., que recomendavam especial cuidado para com os canais de irrigação, os quais possibilitavam a riqueza e o bem-estar e a preservação daquela civilização mesopotâmica por tempos incalculáveis.¹⁶

As civilizações que se estabeleceram em torno do Mar Mediterrâneo puderam experimentar saltos enormes no seu desenvolvimento, em especial por conta das condições naturais e geográficas favoráveis, mas também como resultado do incremento do saber e conhecimento em decorrência da confluência das grandes rotas comerciais no mundo antigo e medieval. A partir da concentração de conhecimento e de interesses no espaço europeu, o próprio ser humano europeu se entendeu a si mesmo, cada vez mais, como senhor e dominador do ambiente, dando origem à clássica matriz eurocêntrica do conhecimento e da ciência, que ainda molda o jeito moderno de pensar e agir. Nesse chamado paradigma moderno, o mundo, ou a natureza, é visto como um grande reservatório de recursos à disposição do ser humano para satisfação de suas necessidades e de seus desejos.¹⁷ As relações capitalistas funcionaram como propulsoras de enormes avanços tecnológicos, gerando novas necessidades e buscando superar limitações impostas pela própria natureza.

A voracidade das necessidades e dos desejos aumentou incrivelmente quando, no século XVIII, a humanidade atingiu numericamente o primeiro bilhão. Esse primeiro bilhão humano coincide temporalmente com a Revolução Industrial capitaneada pela Inglaterra. A partir daí, a demarcação geopolítica do mundo tornou-se ainda mais crassa. O novo mundo, com exceção da América do Norte, deveria corresponder ainda mais à sua função de provedor de recursos naturais para a indústria europeia, não importando os custos humanos e ambientais desses processos de exploração. Com isso, o capitalismo proporcionou uma acumulação de riquezas nunca antes vista na história humana, deixando lamentáveis rastros de destruição ambiental e humana.

A tecnociência possibilitou ainda mais a explosão demográfica, com diminuição da taxa da mortalidade infantil, do aumento das possibilidades reprodutivas e com o prolongamento da idade média da população. Com a industrialização crescente e a mecanização de processos produtivos, houve fluxos migratórios do campo para a cidade. Os grandes conglomerados urbanos passaram a sinalizar essa marcha do progresso e, gradativamente, também certo descompasso.

Os impactos ambientais do crescimento humano fazem-se perceber nitidamente. Ainda que a ciência e a técnica já estivessem em condições de frear as nefastas intervenções no ambiente, a taxa de degradação do ambiente natural tem aumentado acima da taxa de crescimento populacional. O ser humano retira da natureza matérias-primas acima da capacidade de regeneração sistêmica da natureza.

¹⁶ Sobre isso, ver BOUZON, Emanuel. **Ensaio babilônico**. Sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

¹⁷ KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna e Nelson Boena. São Paulo: Perspectiva, 1996.

Estima-se que a taxa de extinção de espécies naturais cresce na mesma proporção do crescimento da população. Os descendentes daquele “colombo negro” acabaram se metamorfoseando na cor da pele. Os descendentes embranquecidos, por várias razões, engendraram mais fortemente uma lógica ecocida. Salvo algumas exceções honráveis, os humanos, na sua ânsia por vida, por pressões econômicas e fatores históricos, por satisfação de desejos limitados e de desejos ilimitados, interferem, destroem e poluem o ambiente por onde passam. Desmatamento, desertificação do solo, poluição dos mananciais são facetas da crise ambiental de proporções globais. Esses desajustes do ambiente vão gerando perceptíveis mudanças climáticas. As crises exigem cada vez mais sacrifícios e adaptações dos humanos às respostas ou ao comportamento do ambiente. *Tsunami*, enchentes, calor excessivo, deslizamentos, como em Santa Catarina ou na serra fluminense, cheias no Pernambuco são indicativos disso.

Hoje, discute-se se as facetas da crise ambiental, tais como a chuva ácida, o aquecimento do planeta e os câmbios climáticos, têm causas antrópicas ou não. Há um intenso debate acadêmico-científico sobre a questão se a humanidade e sua forma de organização e de produção são responsáveis por tais fenômenos catastróficos ou se a própria natureza se organiza ciclicamente com efeitos nefastos sobre parte dos seres que ocupam o planeta. Nos grandes encontros internacionais tem prevalecido a tese da causa antrópica das crises ambientais. Embora contestada por alguns cientistas¹⁸, essa tese situa as discussões atuais como consequência de um longo processo evolutivo e de expansão do ser humano sobre a Terra. A evolução humana coloca em risco a própria humanidade e o ambiente como um todo, gerando incertezas quanto ao destino, especialmente das gerações futuras.

Somente na década de 1970, com a crise do petróleo, os alertas científicos começaram a ganhar algum eco na opinião pública. O documento “Nosso futuro comum”, da Comissão Brundtland, talvez pela primeira vez na história, deu expressão à percepção de que os recursos naturais são finitos e que o desenvolvimento humano não pode se dar indefinidamente como um ininterrupto processo de assalto aos recursos do meio ambiente. A partir daí, o conceito de “desenvolvimento sustentável” passou a ganhar espaço como forma de indicar um tipo de desenvolvimento no qual o modo de organização da humanidade deveria estar ajustado às condições do ambiente, possibilitando a regeneração sistêmica do próprio ambiente.

Com isso estavam lançadas as bases dos movimentos ambientais e do pensamento ecológico contemporâneos. A questão do ambiente foi assumida como tema em grandes conferências da ONU como confluência de dois movimentos com interesses distintos: a) os países capitalistas buscando assegurar sua perpetuação com a proteção de reservas naturais; b) grupos com crescente consciência ecológica buscando regulamentações em nível mundial. A Eco 92, conferência da ONU realizada

¹⁸ MOLION, Luis Carlos B. O aquecimento global antropogênico. In: SEABRA, Giovanni (Org.). **Terra: Questões Ambientais Globais e Soluções Locais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008. p. 51-74.

no Rio de Janeiro, foi um marco nesse sentido, com a deliberação da Agenda 21 e a Convenção sobre Biodiversidade. O Protocolo de Kyoto proporcionou avanços com a projeção e a negociação de taxas menores de emissão de CO₂ pelos países, com a possibilidade de realocação do ônus entre os países do globo por meio de negócio com créditos de carbono. A Conferência de Copenhagen sabidamente não avançou nesses acordos e estima-se que a próxima COP 10 em Cancun também não trouxe avanços significativos.

Os povos antigos ou tradicionais já haviam intuído ou reconhecido o que os contemporâneos agora insistem em dizer: a Terra é um grande sistema vivo, é uma grande casa para todos os elementos da criação. Trata-se da “hipótese Gaia”, que em época recente foi formulada por James Havelock. Segundo essa “hipótese Gaia”, as interferências exacerbadas numa parte desse grande sistema vivo repercutem sobre o todo. Impõe-se, pois, a perspectiva da interdependência entre as diferentes partes do todo. A Terra é vista como um superorganismo vivo, no qual se pode verificar a interdependência entre os mais diferentes componentes, fenômeno expresso pelo conceito de “panrelacionalidade”.

Definimos a Terra como Gaia, porque ela se apresenta como uma entidade complexa que abrange a biosfera, a atmosfera, os oceanos e o solo. Na sua totalidade, esses elementos constituem um sistema cibernético ou de realimentação que procura um meio físico e químico para a vida neste planeta.¹⁹

Um exemplo dessa panrelacionalidade é a chamada corrente do Golfo, que é um corredor marítimo e submarítimo circular que incessantemente cruza o Atlântico, levando águas quentes do Caribe para o hemisfério Norte e gerando um fluxo incessante de energia a fim de manter a constância do clima em ambos os hemisférios. Com o derretimento de enormes quantidades de gelo nas calotas polares, introduz-se grande quantidade de água doce nessa corrente do Golfo, interferindo negativamente na sua função de manutenção da constância do clima global. É um fenômeno natural, sobre o qual incidem fatores ligados ao aquecimento global, sendo esse decorrente da matriz produtiva da humanidade como um todo.

A emergência desses novos conceitos e novas formas de viver e pensar acabam por modificar o modo de ver e entender o mundo, a Terra. Com a perspectiva da complexidade e das muitas probabilidades nas formas de relação, aquilo que no paradigma moderno era (é) chamado de “natureza” passa a ser visto como “meio ambiente” ou simplesmente “ambiente”. Ambiente é o conjunto daquilo que envolve a forma de vida a partir da qual se expressam a percepção e a reflexão, isto é, a vida humana. No conceito “meio ambiente”, o ser humano não mais pode ser pensado em termos de ruptura e sobreposição hierárquica, mas de convivência

¹⁹ LOVELOCK, James. **Gaia**. Um novo olhar sobre a vida na terra. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 27; _____, **As eras de Gaia**. A biografia da nossa terra viva. São Paulo: Campus, 1991.

e de interdependência com o próprio ambiente. Complexidade passou a ser termo necessário nas análises e discussões teóricas. A respeito disso Edgar Morin escreve:

É preciso substituir um pensamento que separa por um pensamento que une, e essa ligação exige a substituição da causalidade unilinear e unidimensional por uma causalidade em círculo e multirreferencial, assim como a troca da rigidez da lógica clássica por uma dialógica capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagônicas; que o conhecimento da integração das partes num todo seja completada pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes²⁰.

Entender a Terra como ambiente ou organismo vivo situa a mesma em outro patamar em termos de reflexão ética e teológica. Pode-se falar de certa reversão do paradigma moderno na relação para com a Terra. Para transformar a Terra em natureza passível de ser estudada, penetrada, explorada e transformada em mercadoria foi necessário, no processo de afirmação da Modernidade, retirar dela todos os seus atributos em termos de sacralidade. Hoje, diante das demandas dos desajustes do clima do planeta com suas consequências nefastas e as correspondentes exigências de cada vez mais adaptação da comunidade humana ao conjunto maior e em face da perspectiva de que a Terra é um organismo vivo, ressurgem a possibilidade ética do respeito à vida.

Os seres humanos, hoje na casa dos sete bilhões, e em projeções médias na casa dos 12 bilhões de pessoas em 2050, constituem uma interferência ininterrupta no ambiente. E isso não só pelo quantitativo numérico, mas pelo modo predador de sua forma de produção e consumo. No caso brasileiro, a população em breve chegará à casa dos 200 milhões de habitantes espalhados num território ricamente abençoado com recursos naturais. Como brasileiros, temos muito espaço para nos expandir. Contudo, estamos inseridos num sistema de produção e consumo mundial. As necessidades e os desejos mundiais projetam-se para dentro do nosso desenvolvimento. Assim se dá, por exemplo, com a produção da carne, mas também com a produção do etanol, sinal de mudança na matriz energética. A um contingente de quase 200 milhões de habitantes soma-se quase igual número de cabeças de gado bovino, com uma taxa de crescimento de 5,5% ao ano desde 2002, um número e uma taxa situados acima da média mundial. Esse número gera riquezas, dividendos e divisas; com o resultado do processo produtivo se sacia muita fome mundo afora, mas também se acelera a ciranda da depredação do ambiente. Pois há conjugação de intervenções: no avanço da cana para a produção do etanol, o boi cede lugar e ocupa novos espaços em áreas de cobertura florestal, especialmente na Amazônia, acelerando o desmatamento da floresta amazônica. Além disto, essa “população bovina” é responsável por significativa emissão de gás metano na atmosfera. No Brasil,

²⁰ Apud TAVARES, 2010, p. 39. Ver também MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

as emissões de CO₂ não são tanto decorrência da matriz industrial e de transporte, como em muitos outros países, mas do modo de intervenção exacerbada nessas fartas riquezas que a criação alocou em solo brasileiro. Desmatamento, queimadas, erosões, produção intensiva de animais lançam elementos poluentes no ambiente.

As interferências mundiais dos humanos sobre o ambiente natural chegaram a níveis críticos. O acúmulo de emissões poluentes já criou uma “sobrecarga negativa”, a qual, segundo alguns cientistas, continuará a ter sua “vida própria” por mais algumas gerações, ainda que hoje cessassem por completo as emissões de poluentes, o que obviamente é algo de fato absolutamente utópico. O Relatório Planeta Vivo 2010, editado por WWF Internacional, aponta que atualmente as emissões estão em torno de 50% acima das capacidades regenerativas do ambiente sistêmico da Terra. Para atender às necessidades da população mundial num padrão de consumo similar ao de alguns países industrializados de “primeiro mundo”, precisaríamos hoje de cinco planetas Terra.²¹

Também a água, esse elemento vital, se torna um problema. Hoje, mais de 70 países apresentam significativo déficit de recursos hídricos capaz de comprometer a saúde de seus ecossistemas. A lógica da poluição e da contaminação aliada à corrida pela privatização da água acelera cada vez mais a “luta” pelo acesso a esse elemento efetivamente vital. Pela proximidade com nossa religião, o rio Jordão, em Israel, é um exemplo lamentável. Em algumas partes desse rio, João Batista já não mais teria água para o batismo de Jesus. Chegamos a um ponto sem retorno?

O quadro delineado coloca um dilema seriíssimo. Levantam-se muitas perguntas, tais como: haveria possibilidades efetivas de desenvolvimento e prosperidade sem crescimento econômico? Seria possível um *managing* sem crescimento? É possível crescer “mais devagar com planejamento para evitar o desastre”? É possível ainda frear a ciranda da destruição ambiental? Será que a proposta de um “crescimento verde” é capaz de atender às demandas crescentes de uma população crescentemente maior em face de recursos cada vez mais escassos? Será que ações concretas de *slow down*, de diminuição da velocidade do crescimento ou do consumo, poderão efetivamente reeducar hábitos e gerar novas atitudes nos mais diferentes âmbitos? Essas são perguntas angustiantes, a partir das quais se enunciam esperanças e se buscam firmar compromissos para a construção de heterotopias, buscando estabelecer espaços de um mundo melhor.

Ao invés de paz com a criação, o modo dominante de organização dos humanos aponta antes para um cenário de ininterrupta guerra predatória, que vai dizimando as chances das gerações presentes e muito mais das gerações futuras, numa marcha do triunfo do egoísmo, do interesse próprio e da acumulação privatista. Aparentemente, as chances de paz na criação são remotas, ou, então, experimentá-

²¹ BOFF, Leonardo. **A opção terra**. A solução para a terra não cai do céu. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2009.

veis somente em algumas “ilhas” dentro do todo. No seu conjunto, porém, a visão não é muito alentadora.

Nesse diagnóstico inquietante da nossa casa global, o ser humano é peça-chave de muitos desajustes. Parafraçando um topos da teologia luterana que fala do ser humano como *simul justus et peccator*, aqui se poderia dizer que o ser humano é *simul sapiens et demens*; ele é simultaneamente sábio e louco. “O mundo moderno trouxe muita tecnologia, mas pouca sabedoria”, afirma Hans Küng.²² A tecnologia acelera a loucura da devastação. É preciso redescobrir formas de vida com mais sabedoria. A escuta atenta às formas culturais dos outros povos fora da matriz eurocêntrica de conhecimento pode ser fonte de inspiração no sentido de fazer prevalecer na contradição humana o lado sábio e cuidador dos humanos.²³ É o homem pecador chamado à nova forma de vida.

Face a essa engenhosidade e essa loucura do empreendimento humano sobre a face da Terra, pode-se aplicar uma palavra de Martin Luther King: “Creio que as pessoas que vivem para os outros chegarão um dia a reconstruir o que os egoístas destruíram”. Com isso, voltamos ao tema da esperança, ao terreno da utopia, marca característica da fé cristã, embora também compartilhada por outros segmentos religiosos ou filosóficos.

O olhar a partir da fé

O jeito evangélico-luterano de ser igreja no Brasil tem sido um jeito antes acanhado do que arrojado. Se quem conhece afirma tal coisa em relação a outros âmbitos, como o da missão, por exemplo, o mesmo se poderá dizer em relação às demandas ecológicas. Reina certa apatia ou letargia. É claro que, no conjunto da IECLB, há louváveis iniciativas de passos “ecologicamente corretos”, que caminhem no sentido das lições de sabedoria do preservacionismo ambientalista. Várias iniciativas podem ser nomeadas, a exemplo do trabalho do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) ou o projeto Terra sem males, na Rondônia.²⁴ Nessas iniciativas, vai se ensaiando que “o mundo começa na casa da gente e se estende para outros âmbitos”.

Como igreja, nós estamos sintonizados, há pelo menos duas décadas, com vários programas e iniciativas com foco na questão ambiental. O programa “Justiça, Paz e Integridade da Criação”, do Conselho Mundial de Igrejas, ajudou a disseminar algumas perspectivas preservacionistas. A participação em outras iniciativas, como

²² KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**. Uma moral Ecumênica em vista da sobrevivência humana. Tradução de Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 1992.

²³ A respeito da “sociologia das ausências” e sua produção intencional e sistemática, cf. SANTOS, Boaventura Sousa. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: [s.d.], 2006.

²⁴ Sobre isso, ver as importantes contribuições na página central das edições do *Jornal Evangélico Luterano* em 2010.

o Fórum Global, deu impulsos e promoveu experiências. A proposta do projeto “Um tempo para a Criação”, também do Conselho Mundial de Igrejas, mereceu adesão, em especial em face da iniciativa 10:10:10, que previu para o dia 10 de outubro deste ano uma multiplicidade de ações individuais ou coletivas em prol do ambiente.²⁵ Ação e reflexão são necessárias; as duas coisas devem andar juntas. Tanto faz por onde se começa. Numa tentativa de manter conexão entre a esperança e o compromisso, alguns passos ou momentos podem ser sugeridos para se fazer um “caminho mental” (F. Capra) em termos ecológicos e teológicos.

1 – Um dos primeiros passos nos trilhos de uma leitura ecológica dos textos bíblicos é o reconhecimento dos sinais da crise ambiental, especificamente aqueles derivados da ação humana sobre o ambiente. Aí se trata de um exercício de sensibilidade, que depende do nível de consciência de cada pessoa. Como Abraão, a pessoa deve estar aberta para a novidade e o chamado. Em termos teológicos, a constatação do apóstolo Paulo em sua Carta aos Romanos pode servir de alerta: “Toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (8.23). É necessário interpretar os sinais dos tempos. A dimensão de “toda a criação” precisa estar mais presente na educação teológica continuada e no exercício da espiritualidade, com claros impactos nas ações do cotidiano. O hábito tem grande efeito pedagógico! O velho dualismo corpo-alma, com a negativa da corporeidade, e essa ainda associada ao feminino²⁶, precisa ser superado em prol de uma visão holística, integral do ser humano em sintonia e convivência com toda a criação.

2 – Em segundo lugar, trata-se de perceber-se a si mesmo como integrante de uma rede maior de relações de produção e consumo. Trata-se de perceber em que medida o ser humano, como indivíduo ou como comunidade integrante de um todo maior, contribui para aumentar ou diminuir o peso da pegada ecológica.²⁷ Os humanos são seres de combustão. Alimentam-se de outras formas de vida para a própria manutenção. As intervenções, contudo, podem ser diferentemente moduladas. A “pegada humana” sobre o ambiente pode ser mais pesada ou mais leve. Depende do modo como se pisa. Há formas mais predatórias de organizar a vida em sociedade e há formas menos predatórias. No fundo depende do exercício de sabedoria.²⁸ Isso pode começar com um simples ato de reciclagem, podendo culminar em ações mais efetivas na mudança de hábitos de consumo. Se o capitalismo,

²⁵ Sobre isso, ver as contribuições em **IHU on line**, ano X, n. 346, outubro de 2010 sob o tema “Um tempo para a criação”.

²⁶ Ver a respeito, GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**. Ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho D’água, 1997, e a coletânea **Fontes e caminhos ecofeministas**. São Leopoldo: Cebi, 2002.

²⁷ DIAS, Genebaldo Freire. **Pegada ecológica e sustentabilidade humana**. São Paulo: Gaia, 2009.

²⁸ MURAD, Afonso. **Aquele que passeia em nós**. São Paulo: Paulinas, 2009.

o agronegócio etc. são o “satã do ambiente”, os consumidores são clientes desse satã, acelerando a depredação.

3 – Em terceiro lugar, deve-se buscar fazer prevalecer o cuidado sobre o domínio.²⁹ Trata-se de falar mais concretamente da dimensão da fé de que Deus é criador e cuidador de toda a criação. Em consonância com esse destino das origens, nós humanos também comungamos, em termos teológicos, do destino soteriológico de toda a criação. Com boa leitura do relato da criação em Gênesis, podemos perceber que os seres humanos são criaturas juntamente com os demais elementos da criação. Todos os elos da criação têm dignidade própria. Segundo o relato bíblico, ao ser humano Deus conferiu dignidade especial de “imagem e semelhança”. A mais profunda realização dessa similaridade para com o criador é a imitação na misericórdia e no cuidado. Deus também atribuiu responsabilidades aos humanos. Em lugar do binômio “dominar e sujeitar” (Gn 1.28), é necessário ressaltar cada vez mais a noção também profundamente bíblica de que o ser humano deve ser “mordomo da criação”. Sua tarefa fundamental deve consistir em “cultivar e guardar” (Gn 2.15). O “cultivar” implica necessariamente em intervenção sobre o ambiente natural, produzindo ou retirando dele os elementos para suprir as necessidades e os desejos da humanidade. Em hebraico, o verbo traduzido por “cultivar” (*abad*) expressa a dimensão de “trabalho árduo”, expressando, portanto, a noção de necessária e penosa intervenção no ambiente. O “guardar” (hebraico *shamar*) é um exercício de responsabilidade e cuidado. Trata-se de um mandato que exige, por parte da pessoa, a sabedoria de perceber-se integrante do todo da criação com a tarefa de zelar para que a natureza, e com isso também a humanidade, se mantenha, para além do tempo presente, em suas próprias bases ecossistêmicas, estendendo-se como dádiva continuada do criador em favor das futuras gerações. Pode-se aqui falar do “princípio responsabilidade” como elemento fundamental da ética, como foi proposto pelo filósofo judeu-alemão Hans Jonas, o qual bebe das águas da tradição bíblica. O cuidado da humanidade com o ambiente, além de ser uma demanda atual, deve, hoje, incluir também as gerações futuras. Em termos de ética de responsabilidade, o prognóstico ruim deve ter preferência ao prognóstico otimista.³⁰

4 – Em consonância com nosso princípio luterano do *sola scriptura*, um quarto passo consiste em ler a Bíblia como outorgadora também de elementos de sabedoria ecológica. Se para Lutero foi importante o princípio da justificação por graça e fé, tornando-se esse quase um princípio hermenêutico “universal”, hoje há a necessidade de fomentar uma “leitura ecológica da Bíblia” com perguntas que

²⁹ Aqui permanecem válidas e instigantes as reflexões de BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Ética do humano, compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

³⁰ JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Rio de Janeiro: PUC; Contexto, 2006.

brotam a partir das angústias humanas de nosso tempo.³¹ É verdade que, na visão bíblica, nós como descendentes de Noé, como o novo patriarca da humanidade, estamos numa senda da “lógica sacrificial”. Ao sair da arca, o primeiro gesto de Noé é um ato de respeito e reverência, que consiste em prestar culto a Deus por meio do holocausto de animais (Gn 8.20-22). O seu gesto, contudo, inaugura uma lógica de sacrifício: algum ser vivente da criação precisa ser sacrificado para agradar a Deus! O sacrifício de elementos da criação acabou se tornando quase um traço típico do paradigma da Modernidade. A essa sina sacrificial há que se contrapor elementos bíblicos mais positivos e inspiradores. Na Bíblia há várias passagens em que a dimensão do cuidado dos humanos pela integridade da criação é destacada. Tais passagens devem ser garimpadas em meio ao todo das Escrituras. O grito profético em Oseias 6.8 ecoa neste sentido: “misericórdia quero e não sacrifícios”. De especial beleza e sentido paradigmático se reveste o texto de Êxodo 23.10-11, no qual é proposto que ao ser humano é legitimamente concedido cultivar a terra e recolher os frutos dela, constituindo nisso sua atividade de produção e intervenção no ambiente. O ritmo produtivo e explorador, no entanto, deve ser temporalmente limitado a seis anos, devendo o sétimo ano ser um tempo de “descanso sabático”. O texto indica três finalidades dessa norma: a) primeiramente é dito que a própria terra deve poder descansar. Isso é estranho ao modo de pensar “moderno”, no qual se está acostumado com a ideia de que a terra deve somente servir para satisfação de nossas necessidades (e desejos); b) em segundo lugar, os pobres devem poder colher o que nascer por conta própria no sétimo ano, tendo uma provisão extra além de sua limitada alimentação usual; c) em terceiro, indica-se que os animais do campo devem poder comer do que sobrar. Explicitamente se incluem aí os animais do campo dentro de um ciclo ecológico. Três seres ameaçados em sua existência devem ser contemplados no modo de se organizar a vida em sociedade: a terra, os pobres e os animais. Isso é o que se pode chamar de uma “visão ecológica” da vida. Os interesses econômicos são limitados pela integridade da vida e da criação.

Num trecho do livro de Deuteronômio (20.19-20) recomenda-se que, apesar de ter que recorrer a estratégias de guerra para solucionar conflitos e negociar a paz, a lógica destrutiva não deveria se transformar em desmatamento desmedido. Essa prescrição reage contra os procedimentos usuais do imperialismo assírio da época. Esses, diante da resistência de algum rei em se submeter como vassalo e pagar tributos, colocavam em prática a lógica da “terra devastada”, cortando os vinhais e os olivais no entorno da cidade, gerando atrasos ou retrocessos econômicos de gerações. O povo, na escuta da palavra de Deus, deveria ter um procedimento mais sábio, mesmo não conseguindo ser por completo pessoa ou comunidade de paz.

Dt 23.13-15 é um texto riquíssimo em espiritualidade, embora trate prosaicamente das cagadas humanas. O texto recomenda primeiramente que as necessidades fisiológicas deveriam ser feitas fora do acampamento. Depois, recomenda cavar um

³¹ Sobre isso, ver REIMER, Haroldo. **Bíblia e ecologia**. São Paulo: Reflexão, 2010.

buraco e, tendo feito o “serviço”, recomenda explicitamente “e te virarás e verás o que saiu de ti”. O verbo hebraico usado é *shub*, um termo que é usado alhures no Antigo Testamento para expressar o ato de negação da idolatria e da conversão para Deus. Na língua grega, o termo tem seu equivalente na expressão *metanoia*, outra expressão importante para o ato de conversão. Ver os resultados de suas ações, especialmente os efeitos nefastos, é, hoje, um passo absolutamente necessário para a formação de organização coletiva da humanidade. Não se pode caminhar rumo ao futuro sem se dar conta das cagadas do passado!

Acima já foi indicado para o Salmo 104, que fala da criação perpassada pelo espírito divino. A beleza da criação convida para o louvor. Mas, além do louvor, que brota da consciência criatural e do sentimento de pertença ao todo, também se deve fazer a “leitura cristológica” e reconhecer (novamente) o elemento divino presente na criação, como decorrência do dado da encarnação. A criação deve ser vista como transparência de Deus, percebendo-se nela como divinos não somente os traços de perfeição e harmonia, mas especialmente também a dimensão da realidade da crucificação da própria criação. Isso é extensão necessária da tradicional *theologia crucis* luterana.

O livro de Jó apresenta um homem abastado que passa pelo processo de perda de todos os seus referenciais de bem-estar. Passa a viver na absoluta “periferia da vida”. Nessa condição de marginalidade, tem uma nova e profunda experiência com o Deus, que se revela a ele em meio à natureza (tempestade). Isso é muito bem descrito na teofania nos capítulos 38 a 42. Nessa nova visão de Deus, Jó não mais vê Deus como um ser comprometido com uma lógica retributiva. A partir do modo como Deus se mostra a ele (Jó 38-42), Jó se entende como parte integrante de uma complexa criação, na qual ele deve conviver com animais e espaços hostis e inclusive com monstros abissais, os quais também são entendidos como criaturas do Deus criador. Jó, contudo, perdeu o referencial de segurança e proteção absoluta; sabe que seu criador vive e salva, mas se entende a si mesmo como elemento dentro de uma teia complexa de luta pela vida.³²

Além dos exemplos bíblicos do Antigo Testamento, há que se observar a lógica da gratuidade na atuação de Jesus de Nazaré, especialmente com a sua metáfora sobre a graciosidade dos lírios do campo sem a pressão da produção e intervenção no ambiente.

Há ainda muitas outras passagens que podem ser “garimpadas” numa leitura ecológica da Bíblia.³³

5 – Além do texto exemplar acima referido, na Bíblia há muitas recomendações para a observância de tempos de pausa que se articulam na lógica do chamado ritmo seis-sete. Esse ritmo seis-sete marca a estrutura do tempo semanal de sete

³² Cf. “Complexa criação – uma leitura de Jó em perspectiva ecológica” em REIMER, 2010, p. 107-123.

³³ Para mais exemplos, remeto para o meu livro **Bíblia e ecologia** (REIMER, 2010).

dias, sintonizado com o ciclo da Lua. Ajustado para o ritmo de trabalho e pausa para os humanos e para a criação, esses textos que falam do descanso sabático (Êx 20.8-11) ou também do ano sabático (Êx 21.2-11; 23.10-11) remetem à necessária observância de tempos de pausa, de *shabbat*, isto é, de uma cessação das atividades laborais em meio ao ritmo produtivo para o cultivo do ócio. Isso é reconhecido como necessário para que os humanos, os animais e a terra possam tomar alento e regenerar-se para a constância e saúde do ciclo de vida.³⁴

Nessas recomendações de observar tempos de pausa pode-se até tentar ver uma antecipação do reconhecimento daquilo que se conhece sob o conceito de “ressonância de Schumann”. Isto é, a terra tem o biorritmo normal com frequência das ondas eletromagnéticas em torno de oito herz. Hoje, esse ritmo estaria alterado para algo em torno de 11 herz, gerando um ritmo mais acelerado, equivalente a um dia de 16 horas. No ritmo de vida do mundo contemporâneo, há certamente exigências que nos obrigam a trabalhar mais, acelerando o ritmo da vida. A medicina, porém, já reconheceu que a pessoa que não observa tempos de descanso em meio às jornadas de trabalho adocece mais, gerando um ônus social maior, e, em geral, morre mais cedo, o que, sarcasticamente, pode significar um ônus ambiental menor. Observar tempos de pausa pode ser uma boa fonte de investimento em sua própria vida, economizando dinheiro que seria gasto com médicos e remédios! Algumas pregações dominicais poderiam também privilegiar o ócio dominical ao invés de somente incentivar o “serviço” ou o culto religioso, que biblicamente são formas de trabalho. Nisso, até palavras de Lutero podem ser resgatadas.³⁵

6 – Outro passo importante nessa travessia da leitura ecológica da Bíblia é pensar toda a criação dentro do amplo projeto salvífico de Deus. Além da tarefa de zelador, cuidador ou mordomo da criação, o ser humano é constantemente chamado ao exercício da misericórdia. Há muitas narrativas da prática e do ensino de Jesus Cristo que podem ser aqui lembradas.³⁶ A parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37) presta-se muito bem a essa indicação, obviamente com uma interpretação expansiva. A história é conhecida: um homem maltratado está deitado à beira do caminho. Duas pessoas passam e desviam do caminho. Um terceiro passante, “vendo-o, compadeceu-se dele” (v. 33). A interpretação extensiva, quase alegórica, consiste em substituir no texto o “homem ferido” por “natureza maltratada”, ou, então, entender o homem ferido como extensão de “criação”. Essa criação caída

³⁴ Aqui ainda permanecem atuais as reflexões esboçadas em REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. **Tempos de graça**. Jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo: Sinodal; Cebi; São Paulo: Paulus, 1999.

³⁵ Cf. WESTHELLE, Vitor. **O Deus escandaloso**. O uso e o abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

³⁶ Sobre as dimensões ecológicas no movimento de Jesus, cf. o livro de RICHTER REIMER, Ivoni. **Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus**. Contribuições para um mundo globalizado. Goiânia: PUC Goiás; São Leopoldo: Oikos, 2010.

geme, em dores, em correntes de exploração humana, aguardando a redenção e a manifestação plena dos filhos de Deus. Assim, natureza e humanidade estão incluídas no plano redentor de Deus para toda a sua criação.

7 – Como elemento quase climático e catalisador de toda essa travessia da leitura ecológica da Bíblia, pode-se indicar o exercício do cuidado como forma de amar e ser amado. Isso implica saber que toda a criação faz parte da obra criadora e redentora de Deus, remetendo os humanos ao seu lugar legítimo como elos ou elementos de uma rede cósmica maior. Isso pode abrir possibilidades para a admiração e o louvor a Deus, conduzindo a viver a vida entendida como dádiva para ser vivida, em gratuidade, em confiança na presença e no amor gratuito de Deus. O cuidado com o ambiente pode e deve ser hoje uma resposta ao amor redentor de Deus. Junto com o criador, as pessoas podem ser cuidadoras e mantenedoras, ajudando a salvaguardar a dignidade de vida das gerações presentes e futuras, mantendo, assim, a esperança pelo destino redentor prefigurado na ressurreição de Cristo e firmando, como pessoas e como comunidade de fé ou de boa vontade, passos e ações de compromisso.

Referências bibliográficas

- BLAYNEY, Geoffrey. **Uma breve história do mundo**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.
- BOFF, Leonardo. **A opção terra**. A solução para a terra não cai do céu. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2009.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Ética do humano, compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOUZON, Emanuel. **Ensaio babilônicos**. Sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Ciência ou religião**: quem vai conduzir a história? São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- CHARDIN, P. T. **Hino do universo**; A missão sobre o mundo; Cristo na matéria; Três histórias no estilo de Benson; A potência espiritual da matéria. São Paulo: Paulus, 1994.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Pegada ecológica e sustentabilidade humana**. São Paulo: Gaia, 2009.
- GALEANO, Eduardo; BORGES, José. **Las palabras andantes**. Montevideo: Siglo XXI, 1994.
- GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**. Ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho D'água, 1997.
- GLEISER, Marcelo. **Criação imperfeita**. Cosmo, vida e código da natureza. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LOVELOCK, James. **Gaia**. Um novo olhar sobre a vida na terra. Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____. **As eras de Gaia**. A biografia da nossa terra viva. São Paulo: Campus, 1991.
- HAWKINGS, Stephen; MLODINOW, Leonard. **The grand Design**. Nova York: Bantam, 2010.

- JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Rio de Janeiro: PUC; Contexto, 2006.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna e Nelson Boena. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- KÜNG, Hans. **O princípio de todas as coisas**. Ciências naturais e religião. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Projeto de Ética Mundial**. Uma moral Ecumênica em vista da sobrevivência humana. Tradução de Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MOLION, Luis Carlos B. O Aquecimento Global Antropogênico. In: SEABRA, Giovanni (Org.). **Terra: Questões Ambientais Globais e Soluções Locais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008. p. 51-74.
- MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**. Doutrina ecológica de Deus. Tradução de Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **Ciência e sabedoria**. Um diálogo entre ciência natural e teologia. São Paulo: Loyola, 2007.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- MURAD, Afonso. **Aquele que passeia em nós**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- REIMER, Haroldo. **Bíblia e ecologia**. São Paulo: Reflexão, 2010.
- REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. **Tempos de graça**. Jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo: Sinodal; Cebi; São Paulo: Paulus, 1999.
- RICHTER REIMER, Ivoni. **Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus**. Contribuições para um mundo globalizado. Goiânia: PUC Goiás; São Leopoldo: Oikos, 2010.
- SANTOS, Boaventura Sousa. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: [s.d.], 2006.
- SIMKINS, Ronald A. **Criador e criação**. A natureza na mundividência do antigo Israel. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2004.
- TAVARES, Sinivaldo S. **Teologia da criação**. Outro olhar – novas relações. Petrópolis: Vozes, 2010.
- VVAA. **Fontes e caminhos ecofeministas**. São Leopoldo: Cebi, 2002.
- WESTHELLE, Vitor. **O Deus escandaloso**. O uso e o abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal, 2008.